

Mudar o foco!

O modelo de assistência à saúde predominante no Ocidente é o **biomédico**. Nele, o paciente costuma ser visto como uma **máquina**, a doença como um **defeito**, e o profissional de saúde como um **mecânico**, cuja missão é tratar (ou melhor, “**consertar**”) o que está com problema. O objetivo central desse modelo é, portanto, **restaurar a máquina**, total ou parcialmente, para que ela volte a funcionar como antes — ou o mais próximo possível disso.

O problema não está exatamente em pensar assim. Foi justamente esse olhar atento sobre o corpo, com base na biologia e na técnica, que permitiu à medicina avançar tanto nas últimas décadas, criando tratamentos antes inimagináveis, que prolongaram e melhoraram incontáveis vidas.

A questão é que, ao olhar apenas por esse prisma, **esquecemos que não se trata de uma máquina diante de nós**, mas de um **ser humano** — infinitamente mais complexo do que qualquer engrenagem.

Os **cuidados paliativos** propõem justamente essa mudança de foco: **ampliar o olhar**, passando do corpo isolado para o **todo da pessoa**.

Isso não significa **negar o corpo** ou **abandonar o tratamento possível**. Pelo contrário — trata-se de fazer **isso e mais**: somar, ampliar, integrar olhares. Não é substituição, é complementação.

Pense em uma **câmera fotográfica**: você pode escolher focar em um único objeto e deixar o resto da paisagem desfocado. É o que acontece quando olhamos apenas os aspectos biológicos — importantes, sim, mas limitados. No entanto, se você **ajustar o foco**, consegue ver não apenas o objeto, mas também **a paisagem que o envolve**. O objeto continua ali, nítido e valioso, mas agora faz parte de algo maior e mais belo — um contexto que sempre existiu, embora nem sempre fosse percebido.

Essa é a essência da mudança de foco.

E qual é a consequência de enxergar a pessoa como um todo? Descobrimos que há **muito a ser feito**, mesmo em meio às adversidades. Mesmo quando a “máquina” já não tem conserto, **abre-se uma janela de oportunidades** para agir de outras formas — inclusive sobre o corpo —, buscando **otimizar o conforto e a qualidade de vida**.

A partir desse ponto, quando deixamos de ver apenas a **doença grave e ameaçadora da vida** e passamos a enxergar o **ser humano integral**, estamos falando em **cuidado paliativo**. É nesse movimento de ampliação que nos aproximamos da verdadeira missão: **promover a máxima qualidade de vida possível** ao paciente e à sua família, **mesmo nas situações mais complexas e em qualquer fase da trajetória**.

Rodolfo Moraes, médico paliativista, outubro de 2025.